

Roberto Basílio de Matos<sup>1</sup>

### **Sobre o texto**

Em 1989 uma imagem tomou conta do mundo, estampada na primeira página dos principais jornais: um jovem de camisa branca se colocou diante de uma coluna de tanques de guerra. A foto,<sup>2</sup> captada pelo fotógrafo Jeff Widener, tornou-se uma das imagens-ícones do século XX. TVs do mundo todo mostraram o jovem executando uma espécie de coreografia grotesca com o primeiro tanque que, felizmente, acabou parando.

A cena foi o desfecho de um movimento popular de milhares de chineses que naqueles tempos conturbados (a queda do muro de Berlim aconteceria no final daquele mesmo ano) tomaram a principal praça de Pequim para reclamar por liberdade e democracia. Quando a foto foi feita, o exército chinês havia acabado de desocupar violentamente a Praça da Paz Celestial, deixando centenas de mortos.

Quando vi esta cena na TV nos anos 80, então com 22 anos de idade, percebi, perplexo, aquilo que ninguém pareceu ver. Havia um protagonista evidente – o homem de camisa branca. Mas o antagonista permanecia invisível e anônimo: o soldado que dirigia o tanque. Foi ele que, efetivamente, tomou uma decisão naquele momento e parou o tanque.

Toda imagem carrega muito mais informações do que um simples golpe de olhar nos revela. É preciso fazer o exercício de olhar para além do quadro da imagem para encontrar seu verdadeiro significado. Quem estava dentro do tanque? Onde foram parar esses dois homens, o jovem da camisa branca e o soldado que dirigia o tanque? Quem eram eles? No que acreditavam? Perguntas que me fiz diante daquela foto, e que permanecem sem resposta até hoje.

---

<sup>1</sup> Ator e dramaturgo, possui Bacharelado em Artes Cênicas pela Unicamp e é cofundador da Cia. Phila7 ([www.phila7.com.br](http://www.phila7.com.br)), onde pesquisa as relações entre a presença do ator e a imagem em cena, entre arte e tecnologia. E-mail: [matosbeto@uol.com.br](mailto:matosbeto@uol.com.br).

<sup>2</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Rebelde\\_Desconhecido](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Rebelde_Desconhecido). Acesso em: 12 jan. 2026.

*O homem da camisa branca - para além da fresta* foi escrito a partir daquela simbólica imagem e é resultado do Prêmio Estimulo de Novos Textos de Dramaturgia da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, em 2010 e, claro, da colaboração de meus colegas de trabalho da Cia. Phila7. Um monólogo que aborda a cena histórica a partir de diferentes pontos de vista, problematizando a imagem e a presença.

## **O homem da camisa branca – para além da fresta**

*O ator prepara o palco. À direita, sobre uma mesa com duas cadeiras, duas xícaras e um bule de chá. À esquerda, uma câmera filmadora sobre um tripé, diante de uma cadeira. Uma tela de projeção ao fundo, onde são projetadas fotos, filmes e a imagem captada pela câmera em cena. No início esta tela mostra inúmeras fotos de manifestações e multidões em espaços públicos.*

**Ator:** *(Desce do palco e vai para a plateia, falando diretamente ao público.)*

As coisas acontecem quando menos se espera... Eu enchi minha xícara de chá e quase deixei que ela transbordasse. Eu já devia estar distraído, pensando naquele momento, é... é possível. Aquilo foi no passado e eu pensava no futuro. Eu estou no presente, pensando no passado. Não sei ao certo...

Mas a xícara não transbordou. Eu parei no momento exato. *(Pausa.)* Minha mão suspensa, segurando a chaleira fumegante e no bico da chaleira uma gota hesita. Um equilíbrio instável: a gota sobre o líquido prestes a derramar. Na xícara um milagre, o resultado de uma pequena tensão. Eu vejo o líquido por sobre a borda da xícara. O chá não cabe dentro dela, mas não vaza. Quantas gotas são necessárias para que este equilíbrio deixe de existir?

Sem esperar pela resposta, ela se atira em direção à xícara. Mais uma gota surge e atrás desta, outras tantas... O calor acelera as coisas, entorpece o pensamento...

O mais incrível foi que o chá não derramou. Movimentou-se, fez um pequeno turbilhão, as bordas balançaram como geleia, mas a tensão não se rompeu.

Agora eu sei: cabem mais gotas na xícara do que aparentemente ela poderia suportar.

Dentro de mim – eu sinto – alguma coisa espera, escorre lentamente, tentando se segurar, mas vai cair, inevitavelmente... Quanto tempo eu ainda aguento? O tempo da

permanência de uma imagem, de um piscar de olhos, da queda de uma gota. Quanto este espaço suporta? Um espaço plano, imenso. O que essas pessoas fazem lá, reunidas? Se eu pudesse enxergar para além da moldura deste quadro...

*(As imagens projetadas no palco se apagam.)*

E o que eu faço aqui, sozinho? Eu sinto o espaço aqui dentro pequeno, opressivo, se comprimindo. Se eu pudesse enxergar para além do recorte desta moldura... *(Pausa.)*

Mas eu posso!

*(Sai da plateia e sobe ao palco.)*

As pessoas chegam aos milhares na praça. São jovens estudantes, na sua maioria, em um movimento a favor da democracia e liberdade. Mas também existem artistas, intelectuais, funcionários, crianças, idosos. Eles ficam por lá. Acampam na praça. Ocupam o espaço. Pacificamente.

Os dias passam e a população da praça aumenta. A mídia registra.

Então um dia chega um ultimato: para desocupar o espaço público. O espaço público! As pessoas ficam. E a polícia resolve tirá-los de lá. À força, violentamente! Durante a noite, apagam todas as luzes da praça, para que os jornalistas não pudessem filmar ou fotografar. E invadem a praça com tanques e armas. Milhares são feridos, centenas são mortos.

*(TELA: a cena do jovem chinês diante da coluna de tanques.)*

Agora olhem essa imagem. Foi no dia seguinte à desocupação da praça.

Isso aconteceu na China, em Tiananmen – Praça da Paz Celestial – em 1989. Eu tinha 22 anos e quando eu vi esta imagem eu não acreditei... *(Pausa.)*

Hoje eu tenho 58 anos e isso acontece aqui, agora!

Vamos lá!

Pedaços do meu mundo... O palco, a plateia, as projeções, a câmera, a mesa, as cadeiras, meu chá... *(Despeja o chá na xícara e bebe.)*

Carrego comigo meus hábitos, meus costumes. Meu chá quente... A garrafa térmica... O jornal...

*(Olha para a cadeira, onde uma camisa branca descansa no espaldar, em seguida, para a câmera.)*

Daqui o que consigo enxergar, meu horizonte, é ínfimo, estreito. O ar é sufocante, esse ruído insuportável é meu silêncio.

Da minha pequena janela, só vejo o que é necessário. É assim que deve ser. É assim meu campo de visão: preciso, objetivo.

Sigo em frente e abro o caminho! Atrás de mim outros tantos, como numa fila interminável de formigas caminhando, uma atrás da outra, como máquinas, seguindo seu curso.

*(Ele caminha até a câmera e a aponta para a mesa.)*

*(OFF: motor de um tanque e respiração.)*

*(TELA: imagem da câmera fazendo um lento zoom-in na xícara sobre a mesa.)*

Quando eu era criança eu passava horas brincando sozinho no pequeno quintal da casa de meu pai. Bem, não exatamente sozinho. De vez em quando aparecia por lá um cachorro, um vira-lata que eu chamava de Ninguém. Ele vinha me fazer companhia ou atrás de restos de comida. Mas isso não importa. O interessante é que eu e Ninguém às vezes ficávamos parados, quase hipnotizados pela fila de formigas que saía do fundo do quintal em direção à cozinha da minha mãe. Aquilo me intrigava. Quem definia o caminho? Eu nunca vi a primeira formiga, a líder, aquela que manda, que aponta o caminho. Eu, na minha maldade curiosa de menino, experimentava interrupções, pequenos desvios, brincava de deus, esperando pelo resultado. E o que eu via... O que eu via?

Aquela que se tornava a primeira, depois de um breve momento de dúvida, encontrava rapidamente o caminho e seguia o curso pré-definido sabe-se lá por que outro deus, que não era eu.

Mas o que me divertia era ver que Ninguém também não conseguia entender: porque a elas era permitido almoçar na cozinha da minha mãe e a ele só cabiam os restos?

E eu era um Deus pra Ninguém... Um Deus incapaz de permitir a liberdade de escolha, mas um Deus!

Outra coisa que me lembro é que a minha solidão não era completa.

*(OFF: crianças brincando. Depois, respiração e contagem regressiva.)*

Às vezes apareciam para brincar umas crianças da vizinhança e só uma única brincadeira me interessava.

*(OFF: "Dez, nove, oito...")*

Sempre me escondia no escuro, em profundo silêncio, aguardando a contagem regressiva.

*(OFF: “sete, seis, cinco...”)*

De dentro só ouvia meus próprios ruídos e, sufocado pela falta de ar e pela ansiedade da espera, tentava descobrir o que se passava lá fora, espiando pela fresta de luz.

*(OFF: “quatro, três, dois, um!”)*

Um a um, meus colegas iam sendo descobertos, enquanto eu aguardava o momento certo de sair.

*(OFF: só respiração.)*

Eu me lembro do dia em que ele parou na minha frente, olhando para onde eu estava. Eu prendi minha respiração e ouvi ele gritando... “Saia daí! Você não tem escolha!” *(Para o público.)* Imagine você por trás de uma máquina que permite um pequeno campo de visão e a necessidade de atribuir um significado às imagens que vê, sabendo que o que está para além da moldura de seu quadro é o que constrói uma ideia.

*(Ele pega a xícara para tomar um gole, tirando-a do quadro da câmera.)*

Eu espero que até o final da noite as sombras fiquem claras, visíveis. São as luzes de dentro que me cegam... Eu olho pra fora e não vejo nada...

*(Vai até a câmera, senta-se diante dela. TELA: imagem do ator na câmera.)*

Mas eu sei que você vai aparecer. *(Entra em quadro, sem mostrar o rosto.)* Por enquanto as imagens continuam apagadas e o que vejo pela janela são meus olhos. É como se eu me visse no espelho. Mas eu não me reconheço. Esse, diante de mim, não sou eu, é outro. Não por ser mais velho, com rugas, cabelos brancos, não! Eu não vejo em minha imagem meu pai, meu avô, ou qualquer referência a meu passado.

Eu não me lembro dos olhos dele. Eu me lembro da minha expressão de horror.

Tinham acabado de atropelar um cachorro. Meu pai me puxou pelo braço com tanta força que tive que usar uma camisa velha de manga comprida em pleno verão, por uma semana.

“É só um vira-lata, sem dono, não é ninguém!”

Como eu não me lembro dos olhos dele?

*(Entra com o rosto em quadro.)*

Eu me lembro do medo que tive.

Quem está aí?! Eu sei que tem alguém no escuro.

Toda noite é mesma coisa! Você se aproxima, hesita, se esconde em meio às sombras, fica me observando e espera o momento certo pra dar as caras. Você não pode evitar, na verdade nenhum de nós pode. Eu tento te ignorar de todas as maneiras possíveis. Mas não adianta! Você sempre está presente, me incomodando, me perturbando, me perseguindo.

*(Vai até a mesa e bebe o chá.)*

Eu durmo pouco e raramente. Tento ficar acordado o maior tempo possível, com os olhos abertos. Passo as noites em claro, preparando o chá e esperando... o dia... e depois novamente a noite... esperando... Se eu não tivesse te visto... Se você não aparecesse naquele momento...

*(TELA: imagem do ator à mesa, captada pela câmera.)*

Patético! Você na minha frente, ínfimo, pequeno, na verdade nada pode, e por outro lado eu, aqui dentro, tudo posso, mas evito uma, duas, quantas vezes for preciso. Uma valsa silenciosa: um pra lá, dois pra cá. Uma dança, um desvio irônico. Um balé cômico.

É claro que o que vivemos naquele momento não era uma brincadeira, um jogo. Mas as regras são minhas! *(Tira a camisa do espaldar da cadeira.)* Apareça! Eu estou aqui, preso dentro deste maldito casulo, te aguardando! Vamos, apareça logo de uma vez! *(Enquanto veste a camisa.)* Aí está você! Você foi embora e me deixou só com meus pensamentos, as consequências do nosso encontro. Mas agora você está aqui.

Eu também quis sumir, fugir, não estar. Não pude. Eu preciso te contar como as coisas se passaram.

Ele parece um pouco aflito, angustiado, cheio de dúvidas! Todos os olhares se voltam para ele. Ele simplesmente age e transfere para o outro a dúvida, a escolha. Mas a verdade é que ele não fez nada. Coube ao outro a decisão. Foi o outro que sofreu aqueles intermináveis momentos de agonia.

Ele se esconde no meio da multidão e torna-se um herói. Afinal um herói tem que manter sua identidade secreta, não é?

E o outro ali, sem voz sem identidade, sem imagem. A única diferença entre os dois é que a um coube a máscara de herói, e ao outro foi imposta a tarja preta do criminoso!

Mas, na verdade, eu não quero saber o que eles pensam de mim, o que eles pensam de você. Somos dois anônimos para o resto do mundo! Não me importo com o que pensam, o que acham... O que realmente me interessa é resolvermos isto entre nós dois.

A escolha que eu tomei naquele dia não diz respeito aos meus ou aos seus. Ela foi tomada diante de você, por você!

Como?! Os riscos que você assumiu? As consequências que sofreu?! Mas, meu amigo, a escolha foi sua, só a você coube esta decisão!

E quanto a mim? Você chegou a pensar, por um segundo que fosse, que havia um outro ali?

É claro que não! Você só estava pensando em você mesmo, no que todos estavam achando de você. O pequeno homem que enfrenta a máquina! Quem será ele? Um sujeito comum, um entre tantos, no meio da multidão. Um exemplo para todos!

Mas não é por isso que eu estou aqui.

*(Ele vai até a câmera e se coloca diante dela.)*

Quero estar diante de você, como nunca estivemos. Agora é você que se esconde, é você que espia pela fresta de luz! Me veja como eu o vi. Sofra a angústia da escolha, que eu sofri, diante de você.

*(TELA: projeta-se a imagem dos olhos do ator, vistos por uma estreita fresta, a câmera.)*

*(OFF: atmosfera de tensão, som do tanque, sons de multidão e rádio.)*

“Cruzando a Praça da Paz...

Avançando pela Avenida! Tudo calmo.

Tem um rapaz ali na frente! Não pare, continue. Continue. Ele vai sair.

Não pare! Ele tem que sair. Ele vai sair da frente. Continue!

Não, espere! PARE! PARE!”

*(Longo silêncio. Ele permanece imóvel, os olhos baixos, por alguns instantes.)*

*(OFF: ruídos de alguém que prepara um chá: um fósforo riscado, água caindo na chaleira, barulho das louças, água fervendo.)*

*(TELA: imagem de multidão, tumulto, revolta. A noite anterior.)*

*(Ele retira a camisa e a coloca na cadeira. Serve-se de chá e vai para a beira do palco, falando com a plateia.)*

Sair do meu casulo dá trabalho. O corpo, as roupas, tudo impregnado de uma sujeira que leva dias para sair. No caminho de casa, pelas avenidas vazias e janelas fechadas, pelo menos eu posso respirar a plenos pulmões. Mesmo que eu sinta, quando entra o ar, um gosto doce de fuligem... pesada. Mas, com calma, eu chego e preparo pacientemente o chá que preenche lentamente todo o meu corpo. No meu longo caminho

ao seu encontro, as respostas para as perguntas que eu nunca tinha feito, mas que sempre me incomodaram, foram sendo derrubadas, uma a uma. E a cada nova pergunta que surgia, com suas diferenças, suas possibilidades, mais e mais perguntas se faziam na minha cabeça. As respostas que eu tinha decorado tão claramente se desfaziam em dúvidas cada vez maiores e insuportáveis.

Dormir, perder a consciência de todas as coisas. Nem uma réstia de luz.

Amanheceu... E o que diziam as manchetes em todos os jornais?

*(TELA: imagens impressas de reportagens sobre episódio histórico.)*

*(Ele senta-se à mesa, pega o jornal e lê.)*

“Durante seis minutos, na manhã da última segunda-feira, o homem da camisa branca brincou de dançar com a morte. Sozinho, em plena Avenida da Paz Eterna, ele enfrentou uma coluna de tanques”

É certo isso? Isso está certo?! Há alguma justiça nisso?!

*(TELA: imagem com a foto “o herói desconhecido”.<sup>3</sup>)*

Eu estava lá quando enfrentei você! Um sujeito no meio da avenida, imóvel, na minha frente! Eu parei o tanque! Aquilo jamais foi uma brincadeira, não para mim. Se houve uma dança, ela nunca foi com a morte, mas comigo. E nesta dança, meu caro, era eu quem conduzia, não a morte. A morte não conduz, ela simplesmente recolhe os restos como um urubu que aguarda pacientemente o final da luta... Do alto dos prédios, nas varandas do hotel, nos jornais entregues de porta em porta, por trás das lentes...

Eu já não sei de mais nada. Ninguém me vê. Quem sou eu? Ninguém. Quem parou o tanque? Você, tornado pelos outros um grande acontecimento do séc. XX, um líder revolucionário?!

Diga-me, meu caro, que revolução?

E eu, que durante aqueles poucos minutos fui contra qualquer ordem que interrompesse e não deixasse acontecer sua... revolução?

Neste lapso de tempo que durou nosso encontro, nada mais fez sentido para mim.

*(TELA: uma roda de bicicleta, girando, em fusão com um olhar.)*

*(OFF: cachorro latindo.)*

As ordens, os distúrbios, as vidas que se foram, as armas disparadas, os corpos dilacerados, a frieza de nossas ações anteriores, os tumultos na cidade, tudo isso, por alguns minutos, começou a não fazer o menor sentido.

<sup>3</sup> Nome dado à famosa foto do evento de 05 de junho de 1989, de Jeff Widener.

Mas pra você, com certeza, tudo aquilo tinha algum sentido, muito claro, límpido. E depois de todo esse tempo me diga – aqui, só entre nós – qual?

Qual o sentido disso tudo? O que eu estou fazendo? Quem é esse que se coloca à minha frente? Quem é esse maldito que me obriga a esquecer o todo e a focar meu olhar para ele? Que me obriga a vê-lo?

Está vendo essa cicatriz aqui?! Eu a tenho há dez anos! Mas não importa como ela veio parar aqui. Não tem nenhuma importância! Agora, olha essa xícara. *(Vai para a mesa e senta-se.)* Você nem imagina o quanto ela é antiga... Meu avô bebeu nela, meu pai, minha mãe... Sabe quanto tempo eu demorei para encostar meus lábios nas marcas que eles deixaram? Leva-se um tempo incomensurável para recuperar o contato de um beijo.

Ah, você não sabe? Não é capaz de imaginar? Diga-me, você tem alguma marca no seu corpo que eu possa ver e dizer: ele existe!

*(TELA: saem imagens e entra a imagem da câmera, mostrando o ator à mesa.)*

Eu quero saber da sua existência agora, não naquele momento. Eu sei que você estava lá! Eu lhe dei a oportunidade de sair da minha frente. Eu tive que parar, mas não deveria.

Minhas ordens foram claras: avançar e liberar aquele grande espaço sem derramamento de sangue. – Eles sempre dizem isso – Sem sangue?! Durante a noite, avancei pela praça abrindo caminho no meio daquela confusão. Ninguém nos via e nós não víamos ninguém. Tinha uma missão e a cumpri.

Mas agora, à luz do dia, o silêncio e a solidão imperam. Eu o vejo, um indivíduo solitário na minha frente. Não apenas eu. Todos o veem. *(Olha para a câmera.)* Mas e se eu sei que existem câmeras no alto dos prédios? Você e eu sabíamos que estávamos sendo observados. Pelas câmeras de TV, pela polícia, pelo alto comando, pela população, por todo o mundo. Eu parei simplesmente porque estas eram as minhas ordens? *(Pausa, toma o chá.)* Eu poderia passar por cima de você? *(Levanta-se e caminha até a câmera.)*

Você lembra o que disse o alto comando, o grande líder, a primeira formiguinha? Aquela que ninguém vê.

*(OFF: voz do apresentador no noticiário oficial chinês em 06/06/1989.<sup>4</sup>)*

---

<sup>4</sup> Esta cena pode ser vista no documentário *The gate of heavenly peace*, de 1995, produzido e dirigido por Richard Gordon e Carma Hinton com suporte do The National Endowment for the Humanities, The Ford Foundation e The Rockefeller Foundation em associação com The Independent Television Service (ITVS).

“Qualquer pessoa com bom senso pode ver que os nossos tanques estavam determinados a seguir em frente, este solitário canalha nunca poderia tê-los parado. Esta cena gravada em vídeo claramente contradiz a propaganda ocidental. Isto prova que os nossos soldados exercem o mais alto grau de autocontrole.”

*(TELA: câmera em close no ator.)*

Tudo o que você via era uma máquina na sua frente. Você não estava lutando contra mim, estava lutando contra as máquinas. Eu não sou essa construção de aço! Você não está lutando contra mim, seu idiota! Eu estou aqui dentro. *(Falando ao microfone, como num depoimento.)* Eu me sentia seguro lá dentro e parei o tanque. De uma hora para outra, essa armadura de ferro se tornou pequena demais para mim. Era como se eu estivesse nu, em plena guerra.

No meio de ordens, contraordens, do ruído incessante do rádio, tudo o que eu repetia era: “Tem um homem no caminho”, “Tem um homem no caminho”...

E me obrigavam a seguir.

*(OFF: ruído do motor de tanques, rádio e ordens.)*

Eu desvio para a esquerda – avance! – e lá está você de novo. Desvio para direita. De novo você. Esquerda, e lá está você de novo! Eu desisto! A pressão é imensa...

Entre minha obrigação, meu dever, e minha vontade, um vazio enorme...

*(TELA: a imagem da tela “Fuzilamentos de 3 de maio de 1808”, de Goya, em fusão lenta com a imagem da tela “Execução”, do artista chinês Yue Minjun, de 1995.)*

*(Sem microfone, para a plateia.)* Durante a noite, enquanto retomávamos a praça à força, eu não vi nada, apenas avancei. Meus ouvidos eram meus olhos. Tiros disparados, gritos de ódio, de desespero, vozes de comando nos alto-falantes, os motores... Eu não hesitei, cumpri minha função. Mas agora sou e você na minha frente. E mais nada!

E agora já não sei mais se agi corretamente...

Uma máquina não teria parado quando a ordem era continuar. Fui eu que parei o tanque. Eu tomei a decisão que me jogou no esquecimento, que me lançou neste maldito instante eternamente, sem solução, sem saída. *(Vai para a xícara.)* Eu assumo a responsabilidade dos meus atos perante você, os meus, o mundo, perante todos.

Tudo o que ele queria era não estar ali.

Meus pais, meus avós, toda a minha história foi feita de atos heroicos. Eu queria fazer parte desta história. Eu representava a revolução! Mas a cada passo que eu dava,

mais eu sentia que caminhava no sentido oposto.

*(OFF: ruídos do tanque.)*

Mas eu estava ali. Isso não fazia o menor sentido! Disseram que alguns poucos eram contra a revolução. Mas... que revolução? Enquanto avançávamos em comboio para a praça, vindos de fora da cidade, encontramos várias pessoas que nos ofereciam comida, bebida – eu estava faminto. Eu sabia que tinha algo a fazer, que eu deveria fazê-lo. E assim me lancei na escuridão, em meio aos ruídos. Mais e mais perguntas na cabeça... *(Vai para a câmera.)* No escuro, dentro da minha máquina, escondido, cumprindo com minha tarefa, eu avançava às cegas, passando por cima das minhas dúvidas, desejando o amanhecer.

*(OFF: tanque desliga. Silêncio.)*

Finalmente, no dia seguinte, eu vi, em meio à Paz Celestial, minhas dúvidas, destroçadas.

E segui, lentamente, em plena luz do Sol, num desfile de poder com minha máquina. Eu estava absorto, feliz por não ver ninguém, certo de que logo retornaria para o meu lar, agora tão distante, tão irreal...

E de repente, na estreita faixa de visão, ele aparece.

*(TELA: a cena em vídeo do jovem diante do tanque.)*

Eu implorava por uma solução que viesse de fora, de uma entidade superior, um *deus ex machina*, isento, que nos tirasse daquela situação insólita. Eu não acreditava em mim, em você, em ninguém. Estava tudo errado. Eu só queria fazer a coisa certa. Mas... qual era a coisa certa a se fazer? Justo eu que sempre ri daquele ritual estúpido da minha tia, acendendo incensos, escrevendo bilhetes, esperando a resposta pronta de alguém que não existia – justo eu – agora estava ali desesperado por uma resposta.

*(OFF: “Siga em frente! É uma ordem! É sua obrigação! Você não tem escolha! É necessário seguir o curso da revolução!”)*

O curso da revolução?! Revolução? Qual revolução? O que é uma revolução? Essa é a minha resposta! Siga em frente!

Foi o que eu fiz a minha vida inteira, até esse momento em que resolvi parar diante de você.

E agora estamos aqui, congelados no tempo, à espera... a espera de quê?

Me diga, o que eles estavam esperando naqueles minutos intermináveis?

Um não podia avançar, o outro não podia recuar, e em torno deles milhares de formiguinhas que aguardavam impacientes o rumo que deviam tomar. *(Vai para o canto do palco como num ringue.)* Mas agora não importa quem nos segue, quem nos vê, o que representamos, onde estamos. Estamos no meio de uma arena deserta, estudando o adversário antes do primeiro golpe, repassando em nossas cabeças as orientações que recebemos, controlando nossos nervos, fingindo uma força que nos escapa, ansiando pelo final da luta, que na verdade evitamos a todo custo. Estamos lutando contra nós mesmos.

O que exatamente você esperava que acontecesse?

*(Ele veste a camisa e imita os movimentos do homem da camisa branca diante do tanque no vídeo projetado ao fundo.)*

Eu sabia que eu representava muito mais do que um simples soldado no comando de um comboio militar. Eu era a formiga líder naquele momento. Eu poderia, e na verdade deveria, ter passado por cima de você com a minha máquina.

Mas o que eu me pergunto é: Você teria ido embora, desaparecido pra sempre da minha vida se eu tivesse feito isso?

Mas ainda assim você continua me atormentando durante todos esses anos.

E você? Se estivesse no meu lugar, teria feito o quê?

Ele entrou na frente, exigiu, se impôs, subiu na máquina, gritou, falou com ela... E ainda continua me assombrando, noite após noite, sem me dar descanso.

Eu fiz o que achava certo! É isso! Nada mais! Agora chega! Eu preciso acabar com isso. Eu não quero mais a sua presença.

*(TELA: imagem da câmera.)*

*(OFF: Respiração.)*

Você vai ficar eternamente na minha frente, aguardando a minha desistência? Mas eu não vou desistir.

Foi você quem desistiu. Você saiu da minha frente tão facilmente como um cão que é enxotado da frente do carro com um simples grito. Você me transformou num idiota.

*(OFF: Contagem regressiva. "Saia daí, você não tem escolha".)*

Eu só queria que você mantivesse sua posição até o fim. Foi isso que eu considerei quando tomei minha atitude. Vá até o fim!

Essa era a minha única salvação. Só isso justificaria minha atitude. O que você queria de mim? Que atitude eu deveria ter tomado naquele maldito momento? O que mais

eu poderia fazer? *(Vai até a mesa e senta-se na cadeira.)*

*(TELA: imagem do ator à mesa.)*

Esta é a sua resposta? O silêncio.

*(TELA: imagem do ator levantando-se e saindo de quadro, mas, em cena, ele continua sentado.)*

Eu sei que você está aqui, diante de mim, escondido nas sombras. *(Ele levanta-se e dá a volta na mesa, de frente para a cadeira.)* E desta vez, sou eu quem está visível, diante de todos, aguardando por você. Mas não é fácil, não é? *(Para a plateia.)* Diante do outro, não podemos simplesmente fingir que não estamos.

*(LUZ da plateia acende aos poucos. Ele retoma a cena com a plateia, descendo do palco.)*

Eu sei, existem momentos em que as palavras se esvaziam de sentido, sei lá. Uma postura, uma ação podem não significar mais nada, eu não sei. Talvez eu só quisesse contar uma história. Talvez eu só quisesse recontar a história. Talvez eu não quisesse contar uma história. Talvez eu quisesse transformar esse palco numa praça. Ou estar nessa praça, talvez eu quisesse que vocês estivessem nessa praça, na frente do tanque dentro do tanque, na praça. Talvez eu só quisesse estar diante de vocês, como duas pessoas que têm algo a dizer uma para outra.

Talvez... *(Para alguém da plateia.)* você me ajuda?

Eu preciso te contar uma coisa. *(Conduz a pessoa até o palco.)*

*(Luz da plateia vai apagando.)*

*(Sentam-se à mesa, ele e o convidado da plateia. Serve o chá ao outro.)*

O quê, quem eu represento aqui... isto não importa mais. Tudo o que eu necessito após essa longa e incessante batalha diária é tomar uma xícara de chá com você, saber teu nome, te dizer o meu e esperar com paciência que aquela imagem em que nos tornamos se desbote, vá apagando com o tempo.

Eu preciso sair disso, mas não posso... *(Serve a si mesmo.)*

Eu tenho que parar, mas eu devo continuar... *(Continua derramando o chá, transbordando por sobre a mesa.)*

Você ainda está aí?

*(A luz do palco vai se apagando lentamente até que reste apenas um pequeno foco sobre a xícara.)*

Submetido em: 06 out. 2025 | Aprovado em: 17 abr. 2026